

Symbolon III

PAZ E CONCÓRDIA

Em...

Homero

Aristófanes

Isócrates

Cícero

Virgílio

Erasmus

editado por

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

JORGE DESERTO

PORTO 2014

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: SYMBOLON III – PAZ E CONCÓRDIA

ORGANIZAÇÃO: BELMIRO FERNANDES PEREIRA E JORGE DESERTO

EDIÇÃO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ANO DE EDIÇÃO: 2014

COLECÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

TIRAGEM: 150 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 311011/10

ISSN: 1646-1525

ISBN: 978-989-8648-36-5

In Limine

É possível falar de paz sem falar de guerra? É possível falar de concórdia sem falar de discórdia? Como acontece com muitos outros conceitos, estes termos apenas parecem ganhar alguma nitidez quando em face dos seus antónimos. Mais ainda, parecem apenas poder definir-se com clareza a partir da ausência dos seus opostos, como se fossem incapazes de existir em estado de absoluta pureza, tornando-se apenas visíveis na improvável e contingente circunstância de não se verificarem os seus contrários, como o negativo de uma fotografia, que apenas se desvela por completo quando trazido à luz pela arte da revelação. Tudo isto aponta, pois, para a sua absoluta fragilidade, pertencentes mais à esfera do desejo do que à da efetiva realidade, existentes apenas como *intervalos*, mais ou menos fugazes, entre episódios de guerra e de conflito, esses sim capazes de assinalar de forma indelével o calendário e a memória. Se olharmos para o passado, vemos que o percurso da História se faz muitas vezes (excessivas vezes) de um elenco de guerras sucessivas, de uma lista de confrontos mais ou menos sangrentos. Os períodos de paz facilmente se assumem como momentos vazios, em que a prosperidade e a harmonia se apresentam apenas como o caldo do qual há de germinar o conflito seguinte. E, no entanto, nunca tanto ouvimos clamar pela paz, tanto pela voz de estadistas – frequentemente em discursos de subtexto nem sempre confessável – como nos inúmeros lugares, cada vez mais amplos, onde os cidadãos comuns podem,

hoje em dia, fazer ouvir a sua voz – incluindo até esse tópico sempre retomado, que apresenta o desejo de paz no mundo como um projeto de vida inevitável no discurso rarefeito de qualquer candidata a *miss*, sintoma anedótico, mas relevante, do ponto a que pode chegar o esvaziamento de um conceito, até ser apenas espuma e ar. Tudo isto nos coloca, de forma que devia ser alarmante, entre a utopia e a irrelevância. E comprova que as palavras também se gastam, por excesso de uso indevido.

Ao longo deste livro encontra o leitor alguns olhares, episódicos e parcelares (mas nem por isso menos rigorosos), sobre o tópico e paz e da concórdia em alguns autores clássicos, autores que fizeram ouvir as suas vozes em grego e latim. As palavras que, nessas línguas, dão forma a alguns desses conceitos podem permitir uma brevíssima reflexão, em duas ou três pinceladas cursivas.

Em grego, *Eirene*, a Paz, é não apenas a pontual ausência da guerra, mas uma ausência de conflito duradoura e constante. Objeto de culto, com locais próprios de celebração, integra justamente o número das divindades. Hesíodo (*Th.* 901-3) apresenta-a como filha de Zeus e Témis, irmã da Boa Ordem (*Eunomia*) e da Justiça (*Dike*). As três, *Eunomia*, *Dike* e *Eirene*, são as *Horai*, divindades protetoras do fluxo do tempo e da sucessão das estações. Num momento, como por exemplo aquele que os Gregos atravessaram ao longo do século V a.C., em que as guerras se sucediam, com o seu rasto de morte e destruição, não é de admirar que esta figura feminina – em clara oposição com *Polemos*, Guerra, nome masculino – nos apareça tão frágil como o lugar, raro e incerto, que ocupa na vida dos homens. Não é, por isso, de estranhar o forte poder evocativo que constitui a sua aparição, indefesa e silenciosa, na comédia de Aristófanes que tem o seu nome. Jovem esbelta e fraca, aprisionada pela violência truculenta de *Polemos*, é libertada por uma pouco provável e ainda menos afinada coordenação de vontades, de modo a que claramente nos lembremos que a sua presença tende a ser fugaz e esquiva (como também esquiva e fugaz foi a chamada Paz de Nícias, que serviu de ignição a esta obra do comediógrafo).

A *Pax* dos romanos transporta consigo a mesma ideia de duração e solidez, como nos recorda a relação etimológica com o verbo *pango*. Mesmo que essa duração e solidez, como frequentemente sucede, não possa afastar-se de uma contínua exibição de músculo nos quatro cantos de um império pacificado.

A palavra grega que podemos traduzir por concórdia é particularmente interessante. *Homonoia* significa, num entendimento literal, pensamento igual, maneira igual de pensar, ou seja, conjugação de pensamentos ou sentimentos, união, unanimidade, harmonia dos espíritos. Por um lado, carrega consigo essa louvável noção de confluência de vontades, de união à volta do que é fundamental. Mas também traz dentro de si um germe potencialmente perigoso, como o tempo, ciclicamente, se encarrega de ensinar: o pensamento igual pode resvalar, muitas vezes sem nos darmos imediatamente conta, para o pensamento único, aquele que segrega e ignora todos os outros. Movemo-nos, como se torna claro, sobre uma camada de gelo demasiado fina para que possamos transpô-la em absoluta segurança. Tornar igual tem tanto de positivo como de arriscado, por mais que haja assuntos em que a harmonia pareça não apenas possível como necessária. Do lado oposto, no mundo grego, está a *stasis*, a discórdia, a quebra de entendimento que, em termos sociais e políticos, pode levar facilmente a confrontos e à violência. Por frágil e potencialmente perigosa que seja a harmonia dos espíritos, percebemos como é tentador que ela faça o seu caminho.

O termo equivalente latino, *concordia*, traz consigo, em termos etimológicos, outras ressonâncias. A noção de que a harmonia se gera aqui a partir de corações que batem em sincronia tem uma raiz mais orgânica, visceral, proveniente daquilo que, em nós, funciona para lá da nossa vontade e é tão natural com respirar e, por isso, estar vivo. Esta sincronia orgânica, pela própria referência ao coração, convoca, inevitavelmente, a noção de ritmo, aquele a que o coração bate, aquele que se conjuga para que unam também as vontades e os pensamentos. Neste caso, portanto, a harmonia, também entendida aqui no seu sentido musical, pode ser convocada de forma mais evidente. Esta noção de concórdia facilmente nos faz lembrar o esforço necessário para fazer soar em conjunto, de forma harmoniosa, os mais díspares instrumentos, num esforço que, por vezes, tão distintos os sons, tão trabalhosa a forma de os conjugar, mais parece da ordem do milagre. Mas também por esta harmonia ser tão difícil é que brilham de forma especial os breves, fugazes e luminosos momentos em que ela acontece.

Exemplo sobre todos marcante é aquele que constitui, com toda a probabilidade, a mais bela e poderosa lição de Homero (ver, sobre o tema, o judicioso tratamento que se encontra no primeiro texto deste

volume). Num poema varrido pelo sopro da guerra e da morte, como é a *Ilíada*, vemos, no final, um improvável encontro entre Aquiles e Príamo. O rei de Troia vai suplicar ao homem que lhe matou o filho a devolução do cadáver de Heitor. E, num passo belíssimo, os dois homens, sentados frente a frente, descobrem-se na irredutível nudez da sua humanidade, cada um deles descortinando no outro as fundas raízes de um sofrimento que os torna, afinal, iguais (*Ilíada* 24. 628-632). É um brevíssimo momento, tão fugaz a surgir como a desfazer-se. No entanto, se nada mais sobrasse da obra de Homero, estes versos já justificariam a nossa admiração incondicional. Não deixa de ser sugestivo pensar que toda a existência do ser humano se reduz a esperar, contra todas as probabilidades, viver um dia um momento assim, em que o ritmo dos corações se acerta na mais inesperada das harmonias.